

Por uma analítica das representações: Há uma crise na representação midiática ou a história está só começando?¹

Firmino Júnior*

Resumo

As representações midiáticas se reconfiguram cada vez que um novo meio de comunicação evolui e se transfigura em outro. Por isso, acredita-se que é necessário, diante do atual cenário de mídias densamente conectadas, questionar se há uma crise nas formas de representação midiática ou se elas estão simplesmente se modificando. A priori, o texto assinala outro cenário da práxis comunicacional que aponta não para uma representação em estado crítico ou mesmo outra forma nascitura, mas, sim, para o paradigma da diversidade, no qual as representações mediadas pelos meios midiáticos e hipermidiáticos são distintas, mas ainda se tocam e se amalgamam. Para tais constatações, optou-se por observar a blogosfera policial brasileira.

Palavras-chave: Representação. Semiótica. Blogs policiais.

¹ Este artigo origina-se da dissertação de Mestrado *A polícia caiu na rede*, defendida em 5 de fevereiro de 2010 na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

* Jornalista. Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Contato: firmino.junior@yahoo.com.br.

Contextualização: blogs policiais e a blogosfera policial brasileira

Em contextos intermediáticos, nos quais há claro predomínio de uma cultura da convergência, dimensionada pela lógica dos regimes colaborativos da *web*, a blogosfera policial brasileira, que é também chamada por seus participantes de “blogosfera de segurança pública”, apresenta-se como um entrelaçamento reticular importante, com especificidades significativas para o computo geral da compreensão dos estudos sobre as redes.

Considera-se a expressão “blogosfera policial brasileira” mais adequada, uma vez que resguarda o fato de que os participantes que interagem nesse ambiente, em sua maioria, são policiais. Membros do Corpo de Bombeiros, Policiais Rodoviários Federais ou pessoas não ligadas à segurança pública, por exemplo, também interagem em menor intensidade. Recentemente, em outubro de 2009, um grupo de pesquisadores ligados à Unesco divulgou um relatório que evidencia bem o perfil da blogosfera de segurança pública brasileira e apontou que pelo menos 70 *blogs* já compõem esse grupo.

Segundo esse mesmo relatório, o *blog* DPM (www.diariodeumpm.net) é o mais acessado da blogosfera policial brasileira e outros *blogs* policiais posicionam-se com base nele. Esse ambiente, ao que parece, tende a ser o que mais utiliza recursos interacionais (entendidos aqui como RSS, comentários, *blogroll*, *trackbacks*, etc.) nessa blogosfera. Trata-se de um *blog* cujas temáticas policiais são discutidas em uma perspectiva de construção coletiva, ou seja, o texto original pode ser alterado de acordo com as sugestões que se seguirem. O *blog*, além disso, pauta-se por alguns meios de comunicação quando esses vão tratar de assuntos relacionados à segurança pública e precisam ouvir o que a classe dos policiais tem a dizer a respeito de um tema específico.

O diário de um PM é um *blog* no qual que os interlocutores têm a possibilidade de modificar a interface a cada intervenção – por exemplo, quando postam um comentário ou sugerem um *link*. As inserções ocorrem em um período distante do post, uma vez que o principal recurso utilizado é a ferramenta de comentários, que fica logo abaixo do post. Vale ressaltar que os comentários não sofrem nenhuma intervenção prévia, mas podem ser apagados pelos blogueiros que coordenam o *blog*, Alexandre de Sousa e Flávio Henrique, caso contenham algum conteúdo ofensivo.

O primeiro *post* do Diário de um PM foi datado em 16 de junho de 2006 e se referia à dificuldade da primeira publicação em um *blog*. A

partir dali, iniciava-se nova configuração para a representação mediada em *blogs* – aquela que emerge, inclusive, de corporações efetivamente restritas, como é o caso das forças de segurança pública brasileiras.

Na blogosfera, a representação mediada

Por intermédio das interações, os interlocutores da blogosfera policial brasileira criam representações da corporação. Isso ocorre porque o ambiente é propício para que existam processos interacionais densos e multifacetados, possibilitando a diversificação das mediações. Por sua vez, a mediação precisa de elementos que a faça sufragar a ocorrência dessas representações – por exemplo, algumas bases materiais. Esses sustentáculos são as instituições mediadoras e a própria materialidade do meio, investidas de valores, como a família e seus preceitos religiosos, a escola e sua disciplina e o sindicato e suas diretrizes.

A mediação na *web* está fundada em sua capacidade de produzir e absorver linguagens de maneira dinâmica e quase indistinta. A despeito disso, deve-se perceber que a mediação sógnica possui duas facetas: a representação e a determinação, ambas assinalando o funcionamento sógnico em qualquer faixa de interação mediada de forma humana ou tecnológica. No caso da representação, o interpretante representa o objeto por intermédio do signo e, no caso da determinação, é o objeto quem determina o interpretante, utilizando as capacidades sógnicas. É importante perceber que a determinação e a representação não são processos excludentes, sobretudo porque podem ser observados em um mesmo fenômeno. “A despeito de sua complexidade, a representação é apenas uma face de um conceito mais geral que é o conceito de mediação”. (SANTAELLA; NÖTH, 2004, p. 199)

Nesse sentido, interessa discutir a questão das interações mediadas na blogosfera policial brasileira sob a luz da semiótica peirceana, pois, como apontado por Santaella e Nöth (2004), trata-se de uma teoria que compreende os fluxos comunicacionais e possui fácil aplicabilidade na compreensão das linguagens utilizadas pelos meios midiáticos e hiper-midiáticos. Neste estudo, entender a semiose facilitará compreender de que forma os processos comunicacionais se constituem na *web* e a eles se associam elementos que propiciam a representação dos interlocutores.

Essa questão culmina no entendimento da noção de mediação como semiose, que articula as operações semióticas de determinação e representação, ou seja, a forma pela qual a mediação sógnica determina (transmite) ou representa (associa) signos aos processos comunicacionais. Conforme lembram Santaella e Nöth (2004, p. 199), “alguns

comentadores afirmam que, na semiótica peirceana, representação é um sinônimo de signo. Isso é menos do que meia verdade. Representação é apenas uma face da mediação, cuja outra face está no conceito de determinação”. Essas questões se relacionam diretamente com o problema deste estudo, pois são relativas ao modo como o *blog* DPM representa de forma mediada, na blogosfera policial, a imagem da corporação.

Peirce sugeriu que tudo que aparece à consciência se faz numa interposição de três propriedades, sendo: a primeiridade/*firstness* (ligada à qualidade), a secundidade/*secondness* (ligada à reação) e a terceiridade/*thirdness* (ligada à representação, que anos mais tarde também seria chamada de mediação). Para ele,

um signo, ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas como referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen. (PEIRCE, 2003, p. 46)

Essa definição de signo, que está no emaranhado de inúmeras outras, atesta e sintetiza algumas das principais características sîgnicas. Para explicar a lógica (outro nome para a semiótica), Peirce tentou simplificar sua definição afirmando que o signo representa algo para alguém, em cuja mente cria um signo equivalente ou mais desenvolvido. Ao representar um objeto, o signo não o faz de maneira global, uma vez que apenas consegue captar algumas características. Logo, ao passo que o signo possui a capacidade de representar, possui a deficiência de não fazê-lo integralmente, pois, como o próprio Peirce afirmou, trata-se de um processo *ad infinitum*, ou seja, ao passo que se expande, vai alternando e alterando suas características centrais. Com isso, ele estaria também explicando e começando a entender a semiose como ação sîgnica.

A semiose na contemporaneidade: breve discussão

Por semiose, Pinto (1995, p. 49) considera a “produção de sentido, processo infinito pelo qual, através de sua relação com o *objeto*, o *signo* produz um interpretante que, por sua vez, é um signo que produz um interpretante e assim por diante”. Com isso, pode-se considerar que o signo é a própria semiose, sobretudo porque, conforme enfatizam Santaella e Nöth (2004, p. 202) “a mediação é definida como qualquer

processo no qual dois elementos são colocados em articulação através da intervenção de um terceiro”. É possível inferir que esse “terceiro” é o signo, e essa “ação”, a semiose.

Essa ideia de “processualidade” e de “ação” é lembrada por Nöth (2001, p. 54), que define a semiose como “um processo dinâmico no qual o signo, influenciado pelo seu objeto precedente, desenvolve o efeito do signo num interpretante subsequente”. Ou seja, ele compreende o signo como algo dinâmico, tratando a semiose como uma teoria sobre a continuidade dos processos de representação e determinação.

Assim, os signos, nessa perspectiva, equivalem à mediação, semiose, representação e comunicação. “Na abordagem peirceana, mediação é sinônimo de semiose, ou seja, de transformação aprimorada de um signo em outro, o que resulta em comunicação” (ALZAMORA, 2007, p. 3). Portanto, já se pode pressupor a ocorrência de semioses distintas nas lógicas comunicacionais midiáticas e hipermidiáticas, pois o funcionamento sógnico demonstra-se de forma diferenciada em cada uma das interações predispostas. A palavra “distinta” é usada como sinônimo de predominância, uma vez que o processo de semiose não privilegia uma operação ou outra, pois ambas ocorrem na semiose.

A determinação e a representação sógnica

Nos ambientes midiáticos, por causa das características dos meios de comunicação de massa nos quais imperam a lógica da transmissão, observa-se um fenômeno semiósico que se refere a um processo no qual um signo se desdobra em outro de maneira continuada. Nessa ação, os três correlatos, signo-objeto-interpretante, produzem sentido *ad infinitum*.

O construto semiósico aparece na articulação do objeto, que determina o signo, que determina o interpretante e que representa o objeto, ainda de maneira “incompleta”. Trata-se, aqui, do predomínio da perspectiva da operação semiótica da determinação, pois o interpretante é determinado pelo objeto, por meio da ação sógnica, ou seja, exclui algumas possibilidades de retorno e resposta.

Além disso, vários outros fenômenos orientados pela lógica da determinação podem ser observados nos meios midiáticos, tais como: uma primazia dos emissores em detrimento dos receptores; no caso da informação jornalística, os jornalistas se colocam como mediadores da realidade; o entorno da informação e o alcance social são determinados quando os mediadores elegem fatos e personagens principais e secundários; e busca-se conformar uma representação social de determinada realidade. (ALZAMORA, 2007)

A operação semiótica da representação é mais evidente nas redes sociotécnicas. Isso se deve ao fato principal de que houve uma descentralização das mediações sociotécnicas. A representação semiótica ocorre quando o correlato interpretante, por causa da ação do intérprete, representa o objeto pela mediação do signo e introduz novas informações ao Objeto que determinou o interpretante. Conforme assinala Alzamora (2007), trata-se de um modelo de comunicação genuíno e associativo, pois objeto-signo-interpretante estão no lugar lógico do emissor-mensagem-receptor, respectivamente.

Ademais, a representação possui características centrais da linguagem hipermediática e ainda possibilidades variadas de mediação. Há ainda uma tendência ao privilégio de escritas coletivas e debates e maior possibilidade de interpretação compartilhada das informações veiculadas (ALZAMORA, 2007). Esse fenômeno é recorrente em *blogs*, pois os recursos de interação possibilitam tais associações que se conformam de maneira reticular.

Por exemplo, no caso do *blog* DPM, quando o blogueiro Alexandre de Sousa posta alguma informação (*post*), os interlocutores têm a possibilidade de acrescentar “respostas” à primeira afirmativa, por intermédio da ferramenta “Comentários”. Pensando em termos semióticos, os intérpretes (interlocutores), por intermédio da ação signíca, representam o objeto (*blog* DPM) e a ele acrescentam novas informações, reiniciando o processo de determinação do objeto pelo interpretante, em um permanente devir. Logo, a semiótica é pensada conforme a lógica das conexões, ou seja, destaca-se o lugar simbólico do *blog* DPM na blogosfera policial brasileira e o conecta a ambientes midiáticos e hipermediáticos diversos.

Cabe, ainda, articular a possibilidade de conversação, que é quando um comentário postado passa a responder a um comentário anterior, sem se referir diretamente ao *post*, fato relativamente comum na blogosfera policial brasileira. Em termos semióticos, pode-se dizer que os vários intérpretes do signo-interpretante têm “ideias associadas”, referência que Peirce faz por diversas vezes em seus estudos, lembrando que essa associação também se faz por meio de um hábito. Santaella (2004) enfatiza que o fato de o signo representar o objeto, mas não o sê-lo propriamente, faz com que haja uma grande diversidade entre os dois. Nessas circunstâncias, Peirce introduz a noção de observação ou experiência colateral:

Com Observação Colateral não quero dizer intimidade (familiaridade) com o sistema de signos. O que assim é inferido não é

colateral, pelo contrário, constitui o pré-requisito para conseguir qualquer ideia significada do signo. Por Observação Colateral quero referir-me à intimidade prévia com aquilo que o signo denota. (PEIRCE, 2003 *apud* SANTAELLA, 2004, p. 35)

Se a experiência colateral está ligada à familiaridade e à denotação do signo, é razoável considerar que ela se refere ao que é externo ao signo, mas que auxilia no entendimento do intérprete e influencia nos rastros sígnicos da semiose, conforme se observa na lógica das conexões que dispõe de recursos interacionais. Isso se dá porque, mesmo que o efeito seja produzido pelo signo, o que o interpretante procura atingir é o objeto. Dessa forma, o interpretante acrescenta novos signos ao objeto, complementando-o.

No caso dos ambientes colaborativos, pode-se fazer uma inferência às interfaces cooperativas, que se alteram a cada interação e exemplificam tacitamente o que Peirce chama de experiência ou observação colateral. Esse é ainda um fenômeno característico no *blog* DPM, que utiliza conexões em rede para se expandir de forma reticular. O *PMTube* e a comunidade no *Orkut* “Eu leio o Diário de um PM”, por exemplo, são conexões expandidas que refletem a representação semiótica nesse contexto.

No caso da lógica midiática, nota-se uma predisposição de processos em que o objeto determina o interpretante (determinação); na lógica hipermidiática, tem-se notado uma predominância no inverso, ou seja, o interpretante representa o objeto, pois lhe emite respostas a ele.

Para o entendimento da semiose que se forma em processos comunicacionais da mídia e da hiperídia, é preciso esclarecer, pelo menos, três aspectos:

1. Os processos que obedecem a uma lógica transmissiva (normalmente os *mass media*) operam semioticamente por intermédio de uma predominante *determinação* sígnica, pois, muitas vezes, a possibilidade de resposta é limitada. Isso equivale a dizer que o objeto, prioritariamente, determina o interpretante pela mediação do signo. No caso de uma transmissão televisiva, por exemplo, o processo semiótico que se estabelece é preferencialmente de determinação, uma vez que o interpretante não tem a possibilidade de acrescentar informações à mensagem e ao veículo no processo de transmissão. Não se trata, aqui, de receptores passivos, pois, como bem se sabe, eles nunca foram assim. O predomínio da operação de determinação não significa exclusão da operação de representação, sem a qual não haveria a interpretação do intérprete.

Entretanto, quando se fala na possibilidade de acrescentar informações ao objeto, não se trata apenas daquelas genuinamente televisivas, que se restringem a escolher entre “sim” e “não”, em um “Você decide” entre isso ou aquilo.

2. O predomínio da operação semiótica de representação se verifica na associação sógnica relacionada à lógica das conexões porque associa novos signos ao processo comunicacional, ou seja, deslocando dinamicamente os lugares lógicos de emissor e receptor, que alternam suas funções continuamente. Um exemplo típico desses fenômenos são os *blogs* e redes sociais em geral, que modificam a cada interação a sua estrutura inicial. Quando um blogueiro adiciona um vídeo ou comentário, aquela interface não será mais a mesma. Isso ocorre porque existe a possibilidade de o interpretante, por intermédio do signo, representar-se no objeto. Sobremaneira, a cada interação realizada o signo se faz representar, gerando um processo que opera em níveis variados. Trata-se da possibilidade real de representação, que não é sinônimo de escolha. Optar pelo sim ou pelo não, não é representação sógnica – ela que está muito mais ligada à possibilidade de interferir, entrelaçar e agendar o seu antecedente.
3. Quando se consideram essas duas formas (determinação/representação), não se quer dizer que uma corresponde genuinamente aos processos transmissivos e a outra, aos processos associativos. O que acontece é que, enquanto a mídia privilegia a determinação, inclusive por causa de seus interesses comerciais e econômicos, a hipermídia se estabelece prioritariamente na lógica da representação, pois conta com vários mediadores potenciais. O que realmente prevalece é o hibridismo dessas formas, pois, ao passo que a rede oferece recursos com potencial de interação desmedidos, oferece outros, como os portais, por exemplo, que pouco se diferenciam dos meios impressos, radiofônicos ou televisivos em sua forma de difusão.

As próprias características desses meios tensionam novas modalidades comunicativas, pois a semiótica da informação em plataformas colaborativas ocorre de forma dinâmica e livre, deslocando, constantemente, objeto, signo e interpretante, fazendo dessa tríade instâncias semióticas mutáveis. Aliás, Peirce deixou em aberto a posição dos signos na semiótica, talvez, para resguardar a dinamicidade que ele previa nesse processo.

Observa-se, nos *blogs* policiais brasileiros, uma característica importante que elucida a descrição da representação em ambientes colaborativos da polícia na blogosfera policial brasileira como semiose – trata-se da disposição temporal das informações. Enquanto os veículos de mídia selecionam uma periodicidade, no caso dos jornais impressos, e, no caso da TV, privilegiam um tempo síncrono, nos *blogs*, prevalece à ordem cronológica das postagens que são armazenadas em um banco de dados. Neles, o interlocutor pode acessar, a qualquer momento, até mesmo informações organizadas por data, e também por isso observa-se nesse banco de dados uma representação sígnica, uma vez que, diferentemente das mídias, não há um sistema unilateral de informação.

Com isso, já se pode sugerir que a diferença central da lógica colaborativa e da lógica transmissiva esteja, justamente, na forma em que elas são operadas. Assim, o modelo de semiose peirceana ajuda a compreender que, em ambientes colaborativos, como é o caso do *blog* DPM, o predomínio da representação propicia aos interlocutores/interpretantes uma participação de fato efetiva, pois podem também se postar como emissores. Além disso, a interação é percebida não apenas como a possibilidade de fazer escolhas (fato comum nas enquetes de TV), mas também de modificar interfaces (quando se posta um comentário).

É justamente por isso que, enquanto nos meios de comunicação de massa predominam as características interacionais de transmissão, nos meios colaborativos que atuam no formato da associação há a predominância da representação. Em ambos os casos há a produção de interpretantes, pois o predomínio de uma operação semiótica não significa exclusão de outra, mas apenas que a semiose privilegia um polo semiótico em detrimento de outro; ou seja, nos processos transmissivos há menor atividade associativa/colaborativa, enquanto nos processos representativos, dos quais a lógica colaborativa é exemplo, há muita atividade de conexão.

Enquanto na lógica transmissiva, na qual há o predomínio da operação semiótica da determinação, não se “acrescenta informações ao processo sígnico, pois apenas atesta, no signo, as informações provenientes do objeto” (ALZAMORA, 2007, p. 81), na lógica colaborativa, em que imperam os processos de representação sígnica e a descentralizações das mediações, há visível introdução de novas informações por parte do interpretante. A informação não só circula midiaticamente, como também é reconstruída a cada interferência dos interlocutores envolvidos no processo de interação.

As capacidades de determinar e representar ficam evidentes em diversos nós da rede, que, por vários motivos, tornam-se signos mediadores entre a determinação midiática e a representação de episódios cotidianos em espaços hipermediáticos.

Há uma crise na representação midiática ou a história está só começando?

As lógicas distintas dos meios midiáticos e hipermidiáticos de comunicação contemporânea geram uma crise não no sentido de um “período difícil”, mas, sim, de uma “reação forte”, anômala, como permitem os dicionários. Isso ocorre porque, com base na observação sistemática das lógicas semióticas comunicacionais, pode-se perceber que com os ambientes reticulares configura-se novo predomínio nos processos de construção de sentido, nos quais se pode sugerir, inclusive, uma operação semiótica mista, na qual não é mais possível perceber se há o predomínio de determinação ou de representação, mas, sim, a congruência latente e dinâmica entre elas.

O deslocamento dos centros de emissão para as bordas tangenciadas dos processos comunicativos faz com que os receptores sejam, também, mediadores e geradores de representação, sobretudo porque o abalo causado nesse tipo de estrutura hierárquica vai além de meras modificações, assinalando a ocorrência de reorganizações e até criações (cooperativas). Daí a pertinência em se compreender a comunicação e seus efeitos não mais com base no singelo esquema de emissão-mensagem-recepção, mas, sim, com tudo isso incluído no pacote da interlocução – essa, sim, uma história que está só começando.

For an analysis of representations: Is there a crisis in the media representation or is the story just beginning?

Abstract

The media representations reconfigure themselves each time a new medium evolves and transforms into another. Therefore, it is believed to be necessary, given the current scenario of densely connected media, to ask if there is a crisis in the forms of media representation, or, if they are simply changing. A priori, the text points out another scenario of communication praxis, which does not indicate a representation in critical condition or even an otherwise unborn state, but, rather by a paradigm of diversity, in which the representation mediated by media and hypermedia means media is distinct, but still touch and amalgamate. Based on these findings, it was opted to observe the Brazilian police blogosphere.

Key words: *Representation. Semiotics. Police blogs.*

Referências

ALZAMORA, Geane Carvalho de. Da semióse midiática à semióse hipermediática: jornalismo emergentes. In: MELO, José Marques; PAIVA, Raquel (Org). *Ícones da sociedade midiática: da aldeia de McLuhan ao planeta de Bill Gates*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 157-175.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO); CENTRO DE ESTUDOS DE SEGURANÇA E CIDADANIA (CE-SeC). A blogosfera policial no Brasil: do tiro ao Twiter. Coordenação de Silvia Ramos e Anabela Paiva. *Debates CI*, n. 1, out. 2009. Disponível em: <http://www.brasilia.unesco.org/noticias/ultimas/unesco-e-cesec-estudarao-blogosfera-policial>. Acesso em: 18 nov. 2010.

NÖTH, Winfred. *Panorama da semiótica: de Platão a Pierce*. São Paulo, SP: Annablume, 2001.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução José Teixeira Carvalho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2003 (The Collected Papers of Charles Sanders Peirce).

PINTO, Júlio César Machado. *1,2,3 da semiótica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.